



ANIMAIS DOMÉSTICOS E A POSSÍVEL TRANSMISSÃO DO CORONAVÍRUS PARA SERES HUMANOS

**ALEXANDER LACERDA RIBEIRO¹, MARIA LARISSA VIDAL², MARCOS
VINÍCIUS DE SOUZA³, PAULO GABRIEL PEREIRA DA SILVA JUNIOR⁴**

¹ Aluno do curso de veterinária do Centro Universitário UNIFACIG.

² Mestre e professora do curso de veterinária do Centro Univeristário UNIFACIG

³ Doutores e professores do curso de veterinária do Centro Univeristário UNIFACIG

RESUMO

O mundo vive atualmente uma pandemia, através do novo coronavírus, especificando que não afetou apenas os seres humanos, mas também os animais domésticos. Vários são os países onde o número de animais domésticos cresce vertiginosamente. Caracteriza-se como uma das principais causas para essa derradeira realidade é a questão econômica. No entanto, o medo causado pela possibilidade de que os pets sejam vetores dessa doença, podem sobremaneira ter colaborado para a concretização do problema. Daí demonstrar um verdadeiro equívoco: apesar da falta de estudos mais aprofundados sobre o tema, o risco de animais contraírem Covid-19, ou contaminarem seus próprios donos, praticamente não existia no início da pandemia, mas agora existe. Como não foram desenvolvidos estudos mais aprofundados, o que temos como relevante é que em vez de perigo, animais domésticos podem ser muito benéficos para a saúde, em tempos de isolamento, ao colaborarem para diminuir o estresse e a ansiedade dos humanos. Neste trabalho, explica-se os cuidados com a higiene dos bichos, que devem ser tomados mesmo fora do período pandêmico.

Palavras-chave: Animais Domésticos; Pandemia; Bem-Estar; Higiene Animal.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente são poucos os casos de cães e gatos domésticos infectados com SARS-CoV-2, com apenas alguns casos de animais positivos no Brasil. Isso apesar de, cada dia mais aumentar a contaminação dos seres humanos tanto no Brasil como no resto do mundo. Além disso, não existem relatórios oficiais com qualquer sugestão de que animais de estimação sejam fonte de infecção para seres humanos. Há evidências de que as infecções nos animais são geralmente resultado de um contato próximo com pessoas, seus tutores ou tratadores, infectadas com Covid-19. Mas há pouca ou nenhuma evidência de que os animais domésticos sejam facilmente infectados com SARS-CoV-2. E, considerando que a população mundial de cães e gatos está em torno de 2 bilhões, o



número de animais infectados não tem relevância ou mesmo significância para o homem, e por este motivo, não representa nenhum risco potencial de transmissão para outros animais ou pessoas. Como não existem estudos contundentes nesta área, mesmo que não se contaminem, cães e gatos domésticos poderiam transmitir a doença a seres humanos ou levar o vírus para dentro da casa de seus donos, oferecendo risco de contaminação, mas aparentemente o mundo científico sequer está preocupado com esse aspecto, pois não há evidência ou estudos nesse sentido. Os poucos animais infectados parecem ter adquirido a infecção dos seus donos, pelo contato direto, e não o inverso. Tampouco há evidência de que animais sejam vetores mecânicos ou possam carregar o vírus, ou que o vírus possa se replicar nos animais (REIS, 2021).

2 DAS PROVÁVEIS CAUSAS DE CONTAMINAÇÃO

Como a ciência ainda não buscou um conhecimento sério e efetivo em relação a contaminação de outros animais domésticos ou mesmo a contaminação destes para com o homem, teríamos algumas indagações, senão vejamos. Poderia o vírus se agarrar no pelo do animal? A sujeira trazida pelas patas da rua poderia gerar algum risco ou não? As fezes e urina dos animais, poderiam transmitir o vírus? Estas são indagações que não podem sobremaneira ficar sem resposta. Teoricamente ressalta-se que um tutor pode infectar os animais através do espirro ou da tosse e a partir de partículas em suspensão. Porém não há estudos que mostrem a permanência do vírus nos tecidos cutâneos de cães e gatos. Em teoria, animais que circulam ou possam ter acesso a áreas contaminadas na rua poderiam carregar o vírus para dentro de casa, mas não há estudos demonstrando essa evidência. De qualquer forma, é recomendável a higienização das patas e do focinho com uma combinação de água e sabão neutro em pano umedecido. Mas essa higienização deveria ser feita habitualmente em todos os animais que vão à rua, independentemente da epidemia. Sobre urina, fezes e também saliva, não há nenhum estudo ou evidência científica da transmissão do vírus. Sendo assim, não há necessidade de nenhuma mudança. Os cuidados de saúde já utilizados pelo dono devem ser mantidos, inclusive referente à vacinação e emergências médicas. As clínicas veterinárias e os profissionais



veterinários são classificados como atividades essenciais e estão trabalhando normalmente (SHI et al., 2020; TEMMAM et al., 2020; XAVIER et al., 2020)

3 DAS MEDIDAS PREVENTIVAS NOS ANIMAIS DOMÉSTICOS

Temos diversas possibilidades para a prevenção e tratamento precoce, este último sem qualquer efetividade científica, poderia então ser utilizado o álcool em gel para limpar cães e gatos domésticos, ou mesmo utilizar-se da tão conhecida Cloroquina, como forma de prevenção no contágio da referida doença? A resposta seria simplesmente não. O álcool em gel ou o álcool líquido em todas as suas concentrações pode ser abrasivo para a pele dos cães e gatos, principalmente se utilizado de forma cotidiana, podendo causar lesões alérgicas ou tóxicas. No que diz respeito à prevenção por Cloroquina ou hidroxicloroquina, não existe qualquer indicação para uso em animais, assim como os estudos não apontam sua eficácia nas pessoas, pelo menos até o presente momento (WSAVA, 2020; ZHANG et al., 2020).

4 O ABANDONO DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS EM VIRTUDE DA PANDEMIA

Percebemos um maior abandono por conta de notícias veiculadas pela imprensa e a partir de ONGs e grupos de apoio e cuidados de animais. Há três fatos a considerar. Em primeiro lugar, as notícias iniciais de que cães e gatos foram infectados pelo SARS-CoV-2, o que gerou uma primeira onda de medo e abandonos por conta da desinformação e fake news. Em seguida, houve o abandono intencional, que possui duas características de cunho muito social. Em várias regiões, famílias ou pessoas idosas – que viviam de forma isolada ou sozinhas e que, por conta da quarentena, foram morar com outros parentes – tiveram que migrar ou abandonar sua moradia e, em muitos casos, não tiveram condições de levar o seu animal de estimação. Por outro lado, houve aspectos socioeconômicos: algumas pessoas, por desemprego ou diminuição da renda, abandonaram animais próximos a instituições ou parques públicos, ou mesmo nas ruas, para diminuir a responsabilidade sobre os cuidados do animal. E, por fim, alguns tutores pediram ajuda exatamente por conta de pessoas que abandonaram as casas e deixaram os animais. E isso



aconteceu de forma mundial, principalmente nos EUA, que tem os dois maiores abrigos de animais do mundo, em Denver e Nova York (STEELE, 1973; REIS, 2020).

Daí percebe-se por analogia que outros animais domésticos, como os papagaios, canários, periquitos, calopsitas, hamsters, poderiam representar verdadeiro risco de contaminação para seus donos, não havendo também neste sentido, qualquer estudo ou mesmo pesquisa de outros pets que se infectarem pelo SarsCov-2. Os morcegos também são vilões de doenças ao longo da história patológica, mas a resposta é a mesma, qual seja, não apresentam qualquer risco aos seres humanos. No Brasil a maior preocupação em relação aos morcegos se consubstancia em outra doença, qual seja a raiva também provocada por vírus. Sobre a origem do SARS-CoV-2, temos dois cenários possíveis. O primeiro tem o vírus evoluindo através de seleção natural em um hospedeiro não humano e pulando para humanos. Não há casos documentados de transmissão de um coronavírus de morcego para humanos. Mas todos os coronavírus anteriores passaram por um hospedeiro mamífero intermediário antes da infecção humana. A identidade do hospedeiro intermediário SARS-CoV-2 é atualmente desconhecida, mas vários animais foram sugeridos, principalmente pangolins. Em um cenário alternativo, uma versão não patogênica do vírus teria pulado de um hospedeiro animal para humano e depois evoluído dentro de humanos para seu estado patogênico atual. Mas nenhuma dessas hipóteses foi confirmada até o momento. E nas fazendas, onde temos vacas, cavalos, cabras, patos, porcos, não temos nenhum relato de infecção de Sars-CoV-2 nesses animais de produção. Assim, também não há risco de transmissão (REIS, 2020).

5 CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos diversos vem sendo realizados, como exemplo, a cientista Karen A. Terio, chefe do Programa de Patologia Zoológica da faculdade de veterinária da Universidade de Illinois, em Chicago, realizou testes para um tigre contaminado, destacando que, proporcionalmente, é difícil relacionar os casos em humanos com infecção em animais domésticos, eis que dado o número de pessoas neste país que foram infectadas pelo vírus e ficaram doentes, e o número de pessoas que possuem gatos domésticos, parece bastante improvável que os gatos sejam uma fonte importante de vírus para as pessoas. Ressalte-se que o número de casos da doença em humanos continua em alta. Em animais, por outro



lado, não. Um relatório da Bélgica mostrou um gato que apresentava sintomas do coronavírus, mas o estudo não era claro, disse Calle. Hong Kong também informou que um gato apresentou resultado positivo para o coronavírus. Um estudo ainda não revisado com gatos selvagens em Wuhan, epicentro do vírus na China, mostrou que alguns tinham anticorpos para o coronavírus, indicando algum nível de exposição ao vírus e alguma resposta por seus sistemas imunológicos. Mas os gatos não estavam doentes quando testados. Calle, ressalta, no entanto, que é importante manter as coisas em perspectiva, pois não há nenhuma evidência em nenhum lugar, além da hipótese inicial, de que qualquer animal tenha infectado qualquer pessoa em qualquer lugar. O Departamento de Agricultura dos EUA, a Organização Mundial de Saúde Animal e a Associação Americana de Medicina Veterinária afirmam que até o momento não há evidências de que os animais domésticos possam transmitir uma infecção às pessoas. Mas todos aconselham que as pessoas doentes tomem as mesmas precauções sobre o contato com seus animais de estimação que tomariam com os seres humanos. A conclusão é que estamos todos tentando entender e aprender sobre esse vírus em tempo real, à medida que as coisas vão acontecendo. Jonathan Epstein, da organização sem fins lucrativos de saúde ambiental EcoHealth Alliance, enfatizou que ainda não está claro qual o nível de infecção dos gatos e se eles podem transmiti-lo um ao outro, o que foi sugerido. E reforçou que a pandemia mundial está sendo conduzida pela transmissão de humano para humano, mas aconselhou, como outros especialistas, a "tratar gatos como outros membros da família". Cientistas de vários laboratórios estão analisando a suscetibilidade animal, tanto em termos de bichos de estimação quanto quais animais poderiam ser usados em estudos de laboratório. O mesmo estudo preliminar, não revisado, que encontrou gatos suscetíveis em laboratório, também descobriu que o vírus se reproduz mal em cães, porcos, galinhas e patos. Entre os animais que podem ser usados em testes de laboratório, o novo coronavírus infecta camundongos geneticamente modificados, bem como alguns macacos. Os santuários de chimpanzés nos Estados Unidos interromperam os passeios e reduziram a interação dos funcionários com seus animais, caso os macacos também sejam vulneráveis. Os furões são outro animal de laboratório em potencial. Um relatório aceito para publicação no periódico científico *Cell Host & Microbe* aponta que furões são infectados e transmitem o vírus uns aos outros, mostrando alguns sintomas semelhantes



aos humanos, como febre, letargia e tosse. Todos os animais se recuperaram, ou seja, aguardemos novos capítulos deste tão fatídico momento mundial.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Reis R. (2021). **Coronavirose canina – o que precisamos saber**. Disponível em: <https://www.zoetis.com.br/prevencao/caesegatos/posts/c%C3%A3es/coronavirose-canina-%E2%80%93-o-que-precisamos-saber.aspx#>. Acesso em: 01 abr. 2021.

Shi, J., Wen, Z., Zhong, G., Yang, H., Wang, C., Huang, B., Liu, R., He, X., Shuai, L., Sun, Z., Zhao, Y., Liu, P., Liang, L., Cui, P., Wang, J., Zhang, X., Guan, Y., Tan, W., Wu, G., ... Bu, Z. (2020). **Susceptibility of ferrets, cats, dogs, and other domesticated animals to SARS-coronavirus 2**. Science, 368(6494), 1016–1020. <https://doi.org/10.1126/science.abb7015>. Acesso em: 01 mai. 2021.

Steele, J. H. (1973). **A bookshelf on veterinary public health**. American Journal of Public Health, 63(4), 291–311. Acesso em: 01 mai. 2021.

Temmam, S., Barbarino, A., Maso, D., Behillil, S., Enouf, V., Huon, C., Jaraud, A., Chevallier, L., Backovic, M., Pérot, P., Verwaerde, P., Tired, L., van der Werf, S., & Eloit, M. (2020). **Absence of SARS-CoV-2 infection in cats and dogs in close contact with a cluster of COVID-19 patients in a veterinary campus**. BioRxiv, 2020.04.07.029090. <https://doi.org/10.1101/2020.04.07.029090>. Acesso em: 01 mai. 2021.

WSAVA. (2020). 'COVID-19 and Companion Animals – What we know today.' WSAVA Webinar to Set out Latest Thinking and Offer Advice for Veterinarians. <https://wsava.org/wpcontent/uploads/2020/04/COVID-19-and-Companion-Animals-What-we-know-today.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2021.

Zhang, Q., Zhang, H., Huang, K., Yang, Y., Hui, X., Gao, J., He, X., Li, C., Gong, W., Zhang, Y., Peng, C., Gao, X., Chen, H., Zou, Z., Shi, Z., & Jin, M. (2020). **SARS-CoV-2 neutralizing serum antibodies in cats: a serological investigation**. BioRxiv, 2020.04.01.021196. <https://doi.org/10.1101/2020.04.01.021196>. Acesso em: 01 mai. 2021.

Xavier, G.; Gonçalves, L. (2020) **Coronavírus em aves: Bronquite infecciosa das galinhas (BIG)**. Veterinária consultoria júnior UFMG. Disponível em: <https://www.vetjr.com/post/coronav%C3%ADrus-em-aves-bronquite-infecciosa-das-galinhas-big>. Acesso dia 03 maio. 2021